



## IMAGEM E ESTIGMA EM “O HOMEM ELEFANTE”, DE DAVID

LYNCH

FRANKLIN ROBSON MELO DA SILVA (UEPB)

robsonfk@gmail.com

SENYRA MARTINS CAVALCANTI (UEPB) - Orientadora

Senyra@hotmail.com

EIXO TEMÁTICO: EDUCAÇÃO ESPECIAL

CATEGORIA: COMUNICAÇÃO ORAL

### RESUMO

Este artigo analisa o filme “O Homem Elefante” (1980, dir. David Lynch), que conta a história de John Merrick, um cidadão inglês que no século XIX foi vítima de uma doença genética chamada de neurofibromatose múltipla que acabaria mudando a trajetória de sua vida, devido ao estigma que passou a enfrentar. Partindo da constatação de que o analista atua em outro plano mental e pouca relação tem com os impulsos emocionais dominados (FREUD, 1919), a tarefa de analisar o estigma através das imagens se torna um desafio para além do nosso imaginário. Inicialmente pela importância do cinema que, de acordo com Metz (2007) trabalha com o conceito de verossímil, partindo do entendimento de que um objeto que mantém semelhança com o que é e/ou pode vir a ser verdadeiro, pode vir a provocar o imaginário das pessoas. Depois, porque as imagens fílmicas fazem extrapolar o olhar do espectador primário que se prende primeiro ao que está visível, alcançando a visão dos que buscam no invisível resposta para muitos problemas que afetam a sociedade. Entre estes problemas, está o que se relaciona a alteridade das imagens e a estética corporal, que, por sua vez, estão associados à saúde que em nossa sociedade, segundo Orrú (2012), tem sido relacionada ao culto à beleza dos corpos e à utilidade de mentes em uma ordem social que se diferencia pela estigmatização. Com base em Freud (1919), identificamos que o olhar estranho e assombroso dirigido ao personagem está relacionado com o que é assustador e provoca medo e horror nas pessoas. Por esta razão, Gofmann (1980) afirma que quando um estranho nos é apresentado costumamos definir pela sua imagem a categoria, os atributos, a sua "identidade social", incluindo-se aí características como honestidade e ocupação, e apesar do autor não mencionar, a condição física, que acaba influenciando na atenção e no tratamento dedicado às pessoas portadoras de alguma deficiência. Tais conceitos revelam o caráter educativo do filme, reforçando o pensamento de Ferro (1992) sobre o cinema como testemunho e agente da história, de Duarte (2002) enquanto instrumento para ensinar o respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas e, por fim, de Napolitano (2003) que enaltece o potencial educativo do cinema em sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imagens. Sociedade. Estigma.



## ABSTRACT

This article reviews the film "The Elephant Man" (1980, dir. David Lynch), which tells the story of John Merrick, a British citizen who in the nineteenth century was the victim of a genetic disorder called multiple neurofibromatosis would eventually changing the trajectory of his life, due to the stigma which now faced. Starting from the fact that the analyst works in another mental plane and has little relation with the dominated emotional impulses (Freud, 1919), the task of analyzing the stigma through the images becomes a challenge beyond our imagination. Initially the importance of film that, according to Metz (2007) works with the concept of credible, based on the understanding that an object that holds resemblance to what is and / or could be true, could cause the imaginary of people. Then, because the film images do look extrapolate the primary spectator who holds the first that is visible, achieving the vision of seeking the invisible answer to many problems that affect society. Among these problems is that associated otherness of images and body image, which, in turn, are associated with health in our society, according Orru (2012), has been linked to the cult of beauty and bodies usefulness of minds in a social order that is distinguished by stigmatization. Based on Freud (1919) identified that the strange and haunting gaze on the character is related to what is frightening and causes fear and horror in people. For this reason, Gofmann (1980) states that when a stranger is introduced to us we usually define your image by category, attributes, his "social identity", including therein characteristics as honesty and occupation, and although the author does not mention the physical condition, which influences the care and treatment devoted to people with some disabilities. These concepts reveal the educational character of the film, reinforcing the thought of Iron (1992) on the cinema as witness and agent of history, of Duarte (2002) as a tool to teach respect for the values, beliefs and worldviews that guide practices of different social groups that make up the complex societies and, finally, Napolitano (2003) that extols the educational potential of film in the classroom.

**KEYWORDS:** Images. Society. Stigma.

## INTRODUÇÃO

Esse estudo refere-se a uma análise sobre o filme "O Homem Elefante" (1980, dir. David Lynch), que conta a história de John Merrick, um cidadão inglês que no século XIX foi vítima de uma doença genética chamada de neurofibromatose múltipla que acabaria mudando a trajetória de sua vida, devido principalmente ao estigma relacionado ao problema físico e psicológico que teria de enfrentar, e que o filme com muita clareza e semelhança procurou retratar.

Baseado na afirmação de Metz (2007, p. 225) de que: "no cinema, muitas vezes, é o dizer que reina soberanamente sobre o dito", buscou-se centrar as discussões no que pode ser dito e não naquilo que se diz do filme. A tentativa de analisar o estigma através das imagens de um problema real que afeta milhares de pessoas em todo mundo revelou-se desafiadora, tendo em vista a necessidade de se observar na e através da tela àquilo que está visível aos nossos olhos e, principalmente, aquilo que transpassa a visão



imediatista e empírica dos espectadores que costumam se prender mais aquilo que está visível e lhe causa certo impacto emotivo.

Sobre a visão do analista, Freud (1919, p. 275) afirma que este “opera em outras camadas da vida mental e pouco tem a ver com os impulsos emocionais dominados, os quais, inibidos em seus objetivos e dependentes de uma hoste de fatores simultâneos, fornecem habitualmente o material para o estudo da estética”, fato que evidencia o que seria o objetivo implícito do filme: mostrar a maneira mais pertinente de se lidar com o ser humano cujo padrão estético não satisfaz ao da maioria de um determinado grupo social.

A opção pelo “O Homem Elefante” se deu em virtude de que para além da visão primária do expectador menos atento tem ao conteúdo das coisas, o filme traz à tona um tema que tem despertado cada vez mais a atenção dos pesquisadores que é o problema do estigma relacionado às pessoas com deficiência. Tal estigma relaciona-se, por sua vez, a alteridade das imagens e a estética corporal, ambos associadas à saúde que, na sociedade moderna ocidental tem sido relacionada ao culto à beleza dos corpos e à utilidade de mentes em uma ordem social que se diferencia pela estigmatização (ORRÚ, 2012).

## **METODOLOGIA**

Acreditamos que são incontáveis as produções fílmicas cujos conteúdos acabam atravessando o seu caráter de entretenimento, chamando a atenção dos expectadores com olhar aguçado para perceber através de suas imagens mais do que elas visualmente apresentam. Esse fato inspirou o desafio de, através desse olhar mais profundo, analisar uma produção cinematográfica.

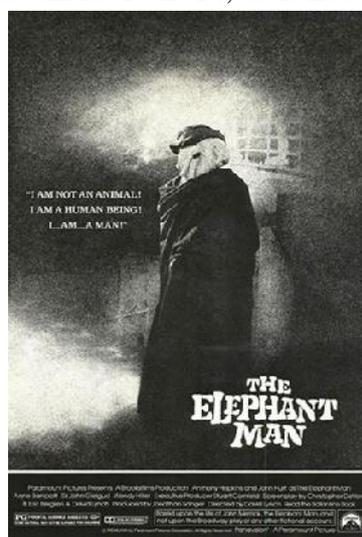
Este artigo analisa uma obra fílmica a partir do entendimento do cinema como testemunha e agente da história (FERRO, 1992) e tem como conceitos centrais estigma (GOGFFMAN, 1980; ORRU, 2012), verossimilhança (METZ, 2007), imagem e alteridade das imagens (RANCIÈRE, 2012). O desafio de desenvolvimento deste artigo, partiu das discussões e aprendizagens oportunizadas nos debates e leituras ocorridos durante as aulas do componente curricular “Narrativas Visuais e Educação”, no Curso de Desenvolvimento Humano e Educação Escola, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

## ESTIGMA CONTRA PESSOA COM DEFICIÊNCIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO FILME “O HOMEM ELEFANTE”

Desde os tempos mais remotos, o ser humano se habituou a tratar como diferente qualquer outro ser de sua mesma espécie que não tenha os mesmos padrões estéticos socialmente aceitos como “normais”. O resultado dessa visão anômala é o desenvolvimento de uma série estigmas que podem levar ao sofrimento extremo qualquer ser humano que nasça com alguma deficiência, como foi o caso de Joseph Merrick, cuja história inspirou a realização do filme “O Homem Elefante” (Figura 1)

Figura 1 – Cartaz do filme “O Homem Elefante”

Fonte: Retirado e adaptado do site <http://filmesresenhas.blogspot.com.br/2012/09/o-homem-elefante.html>, acessado em 15/10/2014, às 14h30.



Segundo Metz (2007), o cinema trabalha com o conceito de verossímil, a partir do entendimento que um objeto que mantém semelhança com o que é e/ou pode vir a ser verdadeiro, talvez por isso, provoque bastante o imaginário das pessoas. Tal afirmação nos leva a entender como as produções cinematográficas baseadas em fatos reais e/ou fictícios podem ter como finalidade básica entreter o expectador.

Procuramos desmistificar a ideia de que “uma imagem vale mais que mil palavras” por meio da exibição e de uma leitura mais densa de um cenário em que, a luz da dessemelhança e dos olhos menos atentos, aquela considerada imagem principal serve de espaço para a compreensão de um universo invisível de outras imagens que falam do outro e falam entre si. Tal operação remete ao entendimento de Ranciére (2012) sobre a imagem quando afirma que, para além de uma simples cópia de uma

performance qualquer, carrega inúmeros sentidos e significados que vão além da técnica que a produz, revelando detalhes que independente de sua estrutura e visual estético, mantém conosco um diálogo que extrapola o seu formato e conteúdo.

O filme “O Homem Elefante” mostra, através de um roteiro considerado pela crítica bem escrito e adaptado, imagens da aberração e do sofrimento a que um homem frequentemente se vê submetido diante de uma situação de conflito marcada pelo estigma. Segundo Orrú (2012, p. 35), o estigma “estabelece uma relação impessoal com o outro e é um atributo que produz um amplo descrédito na vida do sujeito”. A autora (2012) ressalta que, em situações limite, o estigma é tido como “falha” ou “desvantagem em relação ao outro”, fato que leva a sociedade a reduzir oportunidades, esforços e movimentos, retirar valores e, o que é mais grave, deteriorar a imagem das pessoas estigmatizadas.

No caso presente, a deterioração do personagem de Merrick ocorreu devido ao estigma provocado por uma deficiência. Apresentadas de forma bastante verossímil no filme, a deficiência de Merrick apresenta o formato animal do corpo do personagem, a ponto de, por meio dessa transformação, ser atraído para um circo, onde era utilizado com fins lucrativos e apresentado sob o apelo das aberrações humanas, como atração principal (Ver figura 2).

Figura 2. Imagem do filme O Homem Elefante de David Lynch

Fonte: Retirado e adaptado do site <http://ulbra-to.br/encena/2013/06/07/O-Homem-Ellefante>. Acessado em 15/10/14, 14h30.



Emolduradas por uma densa fumaça e o surgimento em meio a ela de um rosto feminino que a câmera mostra de cima para baixo, as cenas iniciais do filme dão o tom de mistério que apresenta-se de forma mais evidente pela articulação do plano inicial com outro plano que encena um pesadelo, o qual parece referir-se ao nascimento do personagem principal, em sua primeira menção na história que estava por vir.

A atração (ver figura 2), vista por muitos como algo estranho, assombroso e com frequência chamada pelo dono do circo (Mr. Bytes) de “meu tesouro” - devido ao lucro



que a exposição de sua imagem fornecia -, era, na verdade, a figura de um homem esteticamente deformado por uma doença, cuja história foi revelada através de repetidas cenas que traduziam a imagem da insensibilidade humana, através das quais os autores de forma tão magistral tentaram chamar a atenção da sociedade para o problema.

Sobre o olhar estranho e assombroso dirigido ao personagem, identificamos com as afirmações de Freud (1919) de que o estranho está relacionado com o que é assustador e provoca medo e horror, ressaltando que nem sempre o termo é usado em sentido diferente, ou seja, há uma tendência a coincidir com aquilo que desperta o medo em geral. Ainda segundo o autor (1919, 276): “Nada em absoluto encontra-se a respeito desse assunto em extensos tratados de estética, que em geral preferem preocupar-se com o que é belo, atraente e sublime – isto é, com sentimentos de natureza positiva”.

Citando Kant, Pereira (2005) defende que o homem não deve ser transformado em instrumento para ação de outrem, por se tratar de uma afronta a dignidade humana, ratificando que “embora os homens tendam a fazer dos outros homens instrumentos ou meios para suas próprias vontades ou fins” (2005, p. 96), e embora não sejam incomuns historicamente que estes sirvam a tais meios, não se torne instrumento da ação ou vontade de outrem.

Nas cenas seguintes a de abertura, aparece à maioria dos personagens da trama envolvidos no espetáculo circense. Talvez, com a finalidade de acelerar o ritmo da película, as imagens deixam transparecer implicitamente que a atração principal já havia se apresentado e o espetáculo chegado ao seu final. Naquele momento, surge Dr. Treves (ver figura 3), médico especialista no estudo da anatomia humana interessado no caso do Homem Elefante. O médico dirige-se ao dono do circo pedindo para conhecer a sua atração, sugerindo-lhe em troca o pagamento de certa quantia para que pudesse visitá-la, o que, sob algumas condições, foi aceito.

Com a mesma apreensão de quem se depara com um ser estranho pela primeira vez, Dr. Traves tentou convencer Merrick a aceitar o convite para ser examinado, o que, com certa resistência, acabou acontecendo, podendo o médico, apesar de algumas barreiras, trabalhar para mudar aquele quadro.

A entrada do Dr. Traves na trama, imprimiu um novo ritmo a história, posto que a partir de sua entrada em cena as imagens seguintes trariam um jogo envolvente de situações em que Merrick aparece contracenando com os seus agressores e exploradores. Merrick, o Homem Elefante, é retratado como uma pessoa frequentemente envolvida em diversas situações reveladoras do tratamento excludente e

estigmatizante a que era submetido, chegando, inclusive a ser agredido e mantido em isolamento (ver figura 3). O isolamento de Merrick apresenta-se como uma estratégia do dono do circo, Sr. Bytes, para não banalizar o mistério em torno de sua figura, ou ainda, quando necessário, evitar o contato com as pessoas que costumavam se assustar com a sua presença.

Figura 3- O homem elefante sendo segurado

Fonte: Retirado e adaptado do site <http://31filmes.blogspot.com.br/2014/03/o-homem-elefante.html>. Acessado em 15/10/14, 14h30.



A imagem acima representa indícios fortes do tratamento que costumava ser dado a pessoa deficiente, e que na prática, na maioria das vezes, é mantido sob o anonimato. Tal comportamento é discutido por Gofmann (1891, p. 5) quando enfatiza que:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com "outras pessoas" previstas sem atenção ou reflexão particular.

O entendimento da reflexão acima, talvez tenha sido inspirado no ditado que diz que “a primeira impressão é a que fica”, pois, segundo Gofmann (1980), quando um estranho nos é apresentado, pela sua imagem costumamos definir a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social", ou como se diz popularmente, o seu "status social", incluindo-se nele atributos como honestidade e ocupação. Apesar de o autor não mencionar, a condição física da pessoa é outro atributo que está entre os que acabam influenciando na atenção e no tratamento dado as pessoas, como aconteceu com Merrick e, pelo menos no Brasil, historicamente aconteceu e tem acontecido, embora com menos frequência do que no passado recente, sendo estes motivo de exclusão social e estigmatização.

A partir de sua metade, o enredo do filme começa a ser mais direcionado aos personagens que queriam compreender o problema e ajudar Merrick a superar os traumas adquiridos em sua tragédia pessoal. Propositamente ou não, esta passagem do filme termina por provocar no espectador uma visão diferente que corrobora para uma mudança de postura contrária ao tratamento excludente e estigmatizante que Merrick recebia, onde as cenas passam a caracterizar, de forma implícita e não implícita, por meio de atitudes, gestos e palavras, a forma teoricamente mais coerente de se lidar o outro.

Figura 4 – O médico e John Merrick (O Homem Elefante)

Fonte: Retirado e adaptado do site <http://31filmes.blogspot.com.br/2014/03/o-homem-elfante.html>. Acessado em 15/10/14, 14h30.



A imagem acima mostra que o Dr. Traves teve um papel fundamental nessa tarefa de devolver Merrick ao convívio social, inicialmente tratando-o com o respeito e a atenção que merecia, depois conscientizando da importância de seu papel na sociedade, devolvendo-lhe com isso a dignidade e a vontade de viver como um ser humano igual a todos os outros.

Vale ressaltar que, ao contrário do comportamento rude e agressivo que se imagina ter uma pessoa com problemas parecidos com o de Merrick, este se mostrou um ser dócil e de bons tratos, com habilidade suficiente para conquistar aqueles que estavam a sua volta. Um outro ponto que chamou bastante atenção no filme foi perceber que em momento algum do filme, o personagem de Merrick aparece em exibição para a plateia, ficando tal cena apenas implícita nas imagens que deixam transparecer que ele já havia se apresentado.

## CONCLUSÃO

Devido ao diálogo construtivo que periodicamente consegue manter com a sociedade, Ferro (1992) resalta que o cinema pode ser testemunho e agente da história,



na medida em que mostra os problemas que afetam o homem ao tempo em que tenta educá-lo para a superação. Uma outra forma de abordar o cinema é pelo seu caráter educativo. Consideramos que as imagens assumem um papel preponderante na busca por soluções para muitos problemas que afligem a sociedade. Por esta razão, Duarte (2002, p. 90) afirma que este “é um instrumento precioso para ensinar o respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas”.

Analisar uma produção cinematográfica nos remeteu a afirmação de Napolitano (2003, p. 11-12) de que o cinema é o lugar onde “a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa obra de arte”, permitindo-nos ampliar o seu entendimento, acrescentando o papel que os filmes exercem na construção e reconstrução de um sentido de vida baseado no respeito e na dignidade do ser humano.

As imagens projetadas na tela do filme “O Homem Elefante”, permitem ao espectador visualizar uma série de outras invisíveis e submersas em seu conteúdo que mesmo estando implícitas podem ser lidas, traduzidas e trazidas para o plano do visível, através de um olhar mais agudo sobre as cenas multifacetadas que constituem um enredo verossímil que mesmo restrito as limitações da produção e do tempo de projeção consegue de maneira singular suscitar em nós a compreensão de qual seja o comportamento mais coerente diante de um tema tão importante para a sociedade.

## REFERÊNCIAS

DUARTE, Rosália. Cinema na escola. In: **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. (Temas & Educação, 3) (p. 85-96)

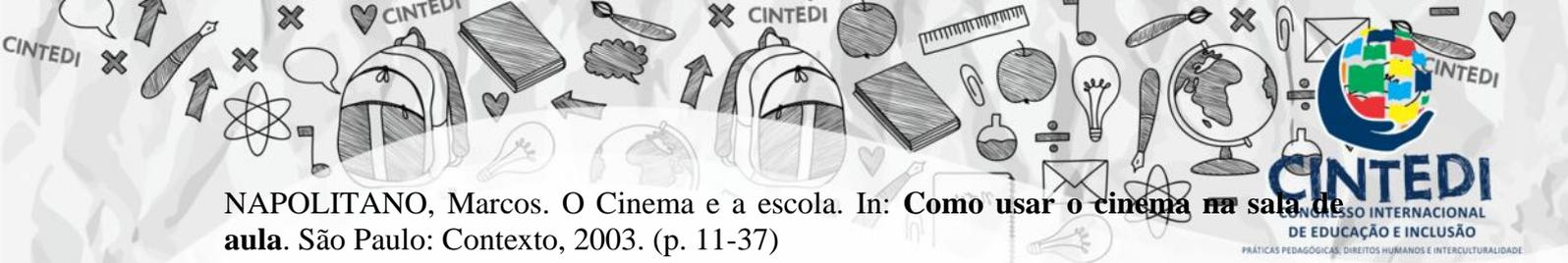
FERRO, Marc. O filme, uma contra-análise da sociedade? In: **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. (p. 79-115)

FREUD, Sigmund. O Estranho. In: **História de uma neurose infantil e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago Editorial, 1976. (p. 275-315)

GOFFMAN, Ervin. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 2. Trad. Mathias Lambert, 1980. (p.107/118)

LYNCH, D. **O Homem Elefante**. EUA: Brookfilms Inc, 1980. (118 min).

METZ, Christian. O dizer e o dito no cinema: o caso de um verossímil. In: **A significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Debates, 54) (p. 225-243).



NAPOLITANO, Marcos. O Cinema e a escola. In: **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003. (p. 11-37)

ORRÚ, Silvia Ester. **Estudantes com necessidades especiais**: singularidades e desafios na prática pedagógica inclusiva. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012. (p. 31-60)

PEREIRA, Rodrigo da Cunha. **Princípio fundamentais norteadores do direito de família**. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

RANCIÈRE, Jaques. O destino das imagens. In: **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. (Coleção ArteFissil) (p. 9-41).